



AOS FUTUROS COMANDANTES DE OM(*)

Armando Luiz Malan de Paiva Chaves

Reprodução da palestra proferida no Estágio para Comandantes de 1991 (EPCOM/91), realizada no Quartel-General do Exército, Brasília, em 21 de outubro de 1991.

INTRODUÇÃO

Ao se receber a nomeação para um Comando, que é a *Missão*, já estão, bem definidos, o *Que*, o *Quando*, o *Onde* e o *Para Que*.

A nossa contribuição pretende, apenas e se tanto, auxiliá-los a planejar e executar o *Como*.

O EXERCÍCIO DO COMANDO

Começemos pela comparação ampla da função de Comando, Direção ou Chefia (Cmndo/Dir/Ch) de organização militar com a variedade das demais funções de oficial superior do Exército Brasileiro.

(*) Selecionado pelo PADECEME

Em nossa avaliação, o exercício de Cmndo/Dir/Ch de OM é a missão mais gratificante e mais difícil da carreira militar.

É a mais gratificante por ser objetivo de vida profissional, sinalizado desde os primeiros passos do cadete: "Ides comandar, aprendei a obedecer."

Também o é por colocar à prova toda nossa formação, na medida em que os valores, conhecimentos, habilitações e experiências desenvolvidas são aplicados em sua maior dimensão e responsabilidade.

O Comandante é o líder, respeitado pelo conhecimento, pela isenção e oportunidade de suas decisões, pela disciplina que impõe a partir de seu exemplo, pelo procedimento social e familiar, que deve constituir constante

referência para os comandados. *Se a palavra convence, o exemplo arrasta.*

O comandante carrega a grande responsabilidade de assegurar que sua OM constitua uma célula sadia e reprodutiva, no grande corpo que é o Exército: instrumento de defesa da Pátria. Pela instrução e adestramento, que lhe cabe planejar e fiscalizar, seus comandados devem conservar e renovar, a cada ano, a capacidade de cumprir a missão expressa da organização militar. É uma grande e difícil responsabilidade que, mal cumprida ou mal conhecida, leva, com razão ou sem razão, a suspeição de nossa necessidade e utilidade freqüente, nos dias de hoje, em veículos de opinião.

O comandante enfrenta o grande desafio de administrar, não por ser uma atividade de complexidade de difícil apreensão, mas por não ser prioritária nos currículos de nossa profissionalização. Muitos de nós só se deparam com a administração ao chegarem ao cargo para o qual estão aqui e agora se preparando. Administrar e planejar e gerir dinheiro, sempre escasso para nossas avaliações de necessidades. É alimentar bem os comandados. É cuidar dos estoques de tudo o que é consumido e empregá-los judiciosamente. É adquirir a melhor qualidade pelo menor preço. É fiscalizar, ininterruptamente. É zelar pelo imenso e valioso patrimônio imobiliário e material colocado, pela nação, à nossa utilização e guarda. É ser donade-casa, educador, comerciante, e quantas profissões mais que poderiam ser citadas...

Indiscutivelmente, a missão é dif-

cil. Há de ser por tal motivo que pensadores emprestam ao comando as belezas, a inspiração, a criatividade e o virtuosismo de arte.

NOSSA EXPERIÊNCIA DE COMANDO

Iniciamos agora a contribuição de nossas experiências.

Liderança

O comandante, na afirmação de sua liderança:

- olha nos olhos de seus comandados, em todas as situações, esteja ele isolado ou em formatura. Os olhos, disse o poeta, são as janelas da alma. É por eles que o comandante pode, a qualquer hora e à distância, manter o vínculo afetivo com os subordinados, fazê-los sentirem-se homens, e não bonecos, transmitir-lhes sua determinação, perscrutar-lhes a incerteza, o medo, a desconfiança, ou a adesão, a fé, a fortaleza de espírito;

- respeita, promove e exige a dignidade do homem, em qualquer atividade, qualquer que seja o nível hierárquico, evitando críticas e reprimendas públicas, quando não essenciais à disciplina, proscrevendo castigos corporais, dosando corretivos e sanções para fazer justiça e propiciar a reabilitação;

- busca, incessantemente, o equilíbrio: em seus atos, no vestir, na atitude física, na postura mental aberta às idéias, nas emoções controladas, na cortesia do tratar, na humildade e mo-

déstia que humanizam o chefe e re- põem as distâncias hierárquicas em suas reais dimensões;

- ensina a assunção de responsabilidades aos escalões subordinados, assumindo-as todas, em afirmação ostensiva e continuada, que lhe dará autoridade para exigir, de cada um, que exerça a parcela delegada;

- exercita a adesão de vontades e a solidariedade ao trabalho coletivo, amando para ser amado por seus homens, servindo com dedicação que não conheça ausências, mostrando-se aos subordinados como um simples elo de continuidade na perenidade da instituição.

Instrução e Adestramento

Segurança

Em sua responsabilidade intransferível pela instrução e o adestramento, a atenção do comandante estará ativada e motivada, continuamente, pela segurança, em suas duas vertentes.

A primeira é a segurança do aquartelamento:

- a guarda do quartel, seu corpo-da-guarda e os postos que a constituem devem ser visitados e inspecionados com freqüência pelo próprio comandante. Por ali passam, nos serviços de escala, os tenentes, graduados e soldados, em sua maioria. Os cuidados com a conservação e limpeza das instalações constituem os primeiros indícios do cabal entendimento da missão do militar, já que tratar bem de locais usados por todos e destinados a vigiar em proveito de todos é referencial da

responsabilidade por ambos os bens públicos: o patrimônio material e a segurança;

- também na guarda é possível avaliar o aproveitamento na instrução, em razão da amostragem de homens de diferentes subunidades, em diária renovação. Ordem unida, continências, honras e sinais de respeito, uniformes e equipamentos individuais, limpeza e manuseio do armamento, preparação para a entrada em combate, resistência à fadiga, iniciativa, desembaraço, ação-de-comandô, são exemplos do que o comandante pode verificar, em local por onde passa, obrigatoriamente, pelo menos duas vezes por dia;

- a guarda é, também, a fração fundamental da segurança do quartel, pois existe para o alerta permanente que seus postos proporcionam. Se o comandante não tiver a confirmação sempre renovada de que a campanha de alarme funciona regularmente, qualquer que sejam o oficial-de-dia e os graduados de serviços, não poderá eximir-se de culpa, se a guarda falhar. *O chefe é responsável por tudo o que se faz ou se deixa de fazer;*

- outros componentes da segurança do aquartelamento são os Planos de Alarme e de Defesa. É indispensável examiná-los, para verificar se são consentâneos com a topografia, as edificações e arruamentos, os meios disponíveis e as ameaças. Todos constituem variáveis que vão se modificando sem nos apercebermos. O quartel dos Dragões da Independência, quando comandeí, estava isolado no cerrado; hoje tem, à sua frente, o quartel do 11.º GAAAE. Se o Plano de Defesa não foi

ajustado, é evidente que não mais se aplica;

- uma vez constatado que os Planos estão atualizados, devem ser ensaiados, em condições variadas de horários, dias da semana, períodos de instrução e até de meteorologia. Só assim o chefe terá a tranquilidade de espírito de não vir a sentir-se responsável pelo que se deixou de fazer.

A segunda vertente da segurança é a segurança nas atividades de instrução e administrativas.

O bem supremo da vida, que o soldado põe em risco no combate, ele o entrega ao discernimento da decisão do chefe, que aí enfrenta sua mais paradoxal responsabilidade.

Na paz, na preparação para a guerra, não existe o paradoxo.

O homem se entrega vivo e são para aprender a combater, e vivo e são deve continuar.

Assim:

- os preceitos de segurança são eficazes e estão competentemente codificados. Obedecidos, os acidentes reduzem-se a incidências mínimas, em quantidade e gravidade. Sua desobediência ocorre porque há imperícia, há imprudência, há negligência, os tão conhecidos termos usados para diluir, na impunidade, a culpa pelos prejuízos à vida, à saúde e a tão mal defendida fazenda nacional;

- o apelo à impunidade decorre da tolerância para com responsáveis diretos, que se omitiram na obediência a normas de segurança. Mas sua omissão decorre da omissão maior, muito mais grave, daquele que tem o dever de exigir, incansavelmente, seu cum-

primento, sancionando, educativamente, as infrações, antes que ocorram os acidentes: o comandante;

- as inspeções prévias à utilização de qualquer material-armamento, viatura ou um simples cantil guardado há três meses na arrecadação do subtenente — têm normas cuja observância deve ser seguida. Não ocorrerão acidentes com o armamento que for utilizado sob estrita obediência às normas de segurança, exigidas, cobradas, repetidas, em todas as situações, até se incorporarem como reflexos, ainda assim, vigiados. E puna-se exemplarmente o infrator. Assim, com os motoristas, com os lavadores de bandejas do rancho, com o responsável pelas caldeiras da cozinha, com o sargento do pelotão de obras que manda o soldado subir ao telhado sem as cautelas recomendáveis. *Educar para a Segurança é educar para a guerra, é educar para a vida, para a família, para a comunidade, para um Brasil mais civilizado.*

Instrução e Adestramento dos Quadros

Outro tema genérico para reflexão do comandante é a instrução e o adestramento dos quadros.

Em nossa modesta visão, as rotinas de um exército de paz têm-nos levado a repetir nos quartéis, a cada ano, com pouquíssimas correções de rumo, a formação do reservista. Mesmo nos períodos de adestramento básico e avançado, os quadros continuam voltados para o soldado. E pouco acres-

centam à sua própria profissionalização.

Ora, são os quadros, em sua maior ou menor permanência e por seu profissionalismo, que constituem o arcabouço da Força Armada, que devem sustentar a aptidão indormida para sua destinação.

A formação do reservista incute-lhe reflexos básicos para sua mobilização, mas, quando esta ocorrer, terá de passar por severo treinamento e reciclagem, adaptando-se a novos materiais e técnicas. E, em Exército de paz, muitas classes se perdem, por graça de Deus, ao ultrapassarem a idade de convocação.

É, portanto, aos profissionais de carreira e temporários que devemos dedicar nosso maior empenho, na instrução e no adestramento, mormente em Exército pobre, que precisa eleger prioridades para recursos escassos. E a instrução de quadros é menos dispendiosa que a da tropa.

A instrução de quadros não é a palestra monocórdia em sala de aula.

É o estudo de uma situação simples, na carta e no caixão-de-areia.

É o manejo e o tiro da metralhadora .50.

É a ida ao campo de todos os sargentos, para a recordação do giro-do-horizonte, da designação de objetivos, da observação de condução do tiro de Artilharia.

É o tenente sendo exigido a fazer o estudo-de-situação e dar a missão aos subordinados, à vista do terreno.

É a fileira de oficiais marchando com o mesmo garbo da tropa emassada

e fazendo muito bem o movimento da espada.

É a turma de provisionamento sabendo o que é vale e ciclo de ração.

É o subtenente praticando a escolha de sucessivas áreas de trens da subunidade e a localização de suas viaturas cobertas das vistas aéreas.

Experimentem ir a fundo na verificação do profissionalismo de nossos quadros, e verificarão como pode estar frágil o arcabouço de nossa Força.

Se o recruta não aprendeu a rastejar, paciência!

Que rasteje mal. Mas seu sargento terá de ser verificado quanto à aptidão para conduzir a progressão do GC, ao conhecimento dos comandos de manobrabilidade e de tiro da arma automática.

O tenente temporário ganha o mesmo que o de carreira e tem de aprender a comandar seu pelotão, ensinado pelo capitão.

A mensagem, o conselho e, até, o desafio, naturalmente condicionado às diretrizes de seu comandante superior é: *Total dedicação ao recruta até o final da instrução de qualificação. A partir daí, ele passa a ser mero figurante de uma peça de teatro, em que os atores são os profissionais.*

Competições de Instrução

É repetitivo dizer a soldados profissionais que a guerra é um confronto de vontades, que chega ao fim com vencedor e vencido.

A preparação da Força Armada para a guerra envolve, portanto, *pari passu* com a instrução e o adestramento, o

exercitar de vontades para vencer. Em nosso Exército, adotamos muitas práticas de fortalecimento de vontades para superar o medo, a fadiga, o desconforto: são pequenas vitórias que valorizam o homem a seus próprios olhos e reforçam sua auto-confiança.

É necessário, entretanto, que este crescimento, alcançado através da superação, pelo indivíduo, de suas próprias fraquezas, seja aplicado no confronto com outros indivíduos, para injetar o espírito de luta e a vontade de vencer outro adversário que não o próprio indivíduo.

Além das competições desportivas, de grande efeito educativo, mas de abrangência limitada aos que têm aptidão ou pendor, as competições de instrução, pouco exploradas, proporcionam a oportunidade de exercitar o espírito de luta de todos os comandados. Quando organizadas para envolverem, na disputa, frações constituídas, trazem o benefício complementar de pôr à prova o exercício da liderança pelos oficiais e graduados participantes.

Um programa de competições de instrução, entre frações constituídas, distribuídas por todo o ano, com exigências ajustadas a progressão da instrução e do adestramento, não é difícil de se fazer, não acarreta despesas e produz excelentes resultados, tanto no que diz respeito à verificação da aprendizagem como no referente à motivação para a disputa e ao exercício da liderança.

Alguns exemplos de competições de

instrução, por frações constituídas, em seqüência ao longo do ano:

- desmontagem e remontagem do armamento individual;
- ordem unida (sem e com arma, com e sem comando);
- pista de cordas e corrida através de campo;
- tiro com armamento individual;
- orientação;
- entrada em posição e tiro de armamento coletivo;
- estudo-de-situação e cumprimento de missão, com solução de incidentes e realização de tiro real (de preferência pelos quadros).

O Conhecido que não Deve ser Esquecido

A ordem unida e a educação física são insubstituíveis como vetores da disciplina, da coesão e do moral.

Em nossas dimensões geográficas, as marchas motorizadas devem constituir substrato de nossa operacionalidade.

A economia de munição, obtida através da qualidade, da instrução preparatória e do uso intensivo de todos os recursos de simulação (subcalibres, redutores e aparelhagens específicas), deve constituir preocupação constante do comandante.

Comunicações, a Arma do Comando. Não há boa decisão sem informação, não há informação sem comunicações, não há comunicações sem a sinergia do equipamento rádio ou fio com o homem em excelente nível de treinamento para operá-lo, em obediência à disciplina de exploração —

qualquer que seja seu posto ou graduação. Outros meios — mensageiros, bandeirolas e sinais — também devem ser empregados na instrução, como preparação para a eventualidade de colapso dos meios eletro-eletrônicos.

Administração

Como já dissemos, há de ser o maior desafio do comandante, pela pouca experiência que, em geral, acumulou nesta atividade. Buscando contribuir para ampliá-la, no escasso espaço disponível, resolvemos correr risco de imperfeição na síntese em matéria tão vasta, dando-lhes, a guisa de roteiro, quatro conceitos gerais, depois desdobrados nos diferentes setores em que procuramos abarcar toda a abrangência da administração de uma OM.

O primeiro conceito decorre da missão: *comandar*.

Numa conceituação singela e profunda, *comandar é dar ordens e fiscalizar sua execução*.

O primeiro procedimento é fácil de ser executado: qualquer um é capaz de dar ordens. O segundo é o essencial na ação de comando, particularmente nas ações administrativas: *fiscalização, incansável, criativa, educativa, construtiva, implacável, de total abrangência, estudiosa e indutiva, para engajar cada subordinado a exercê-la, no espaço de suas atribuições*.

O segundo conceito refere-se ao inimigo.

Em tempo de paz e na vida administrativa da OM, *o inimigo é o desperdício, gerado pelas fraquezas funcionais que o promovem: incompe-*

tência, desídia, irresponsabilidade, impunidade e congêneres.

Parece-nos que a conceituação dispensa comentários adicionais.

O terceiro conceito define o terreno.

É o espaço do quartel, com todos os seus componentes: edificações, arruamentos, pátios, jardins e locais de exercício. *Em tempo de paz, o quartel é o campo-de-batalha do comandante.*

Axiomática, não necessita demonstração.

Necessita convencimento, entranhamento, impregnação, para a reação conseqüente de esquadriñar, costumeiramente, cada metro quadrado, coberto ou descoberto, pavimentado, ladrilhado, telhado, mobiliado, gramado ou de terra batida daquele campo-de-batalha administrativa, ou a guerra estará perdida.

No gabinete do comando, a cadeira do comandante e a daquele que despacha não devem ser confortáveis!

O quarto conceito, finalmente, não poderia deixar de ser o que trata dos meios, mais especificamente os materiais, já que os humanos e imobiliários foram objeto dos conceitos anteriores. *Os meios materiais são a única variável da administração que depende direta e exclusivamente do comandante.*

A afirmação é, propositadamente, polêmica e provocativa.

Depende do comandante a tabela de distribuição de material de expediente, que consigna a dotação de uma borraça por trimestre, quando a dele dura mais de ano. Depende do comandante mandar que o feijão fique de molho 24 horas, se isto é necessário para tê-

lo macio depois de cozido. Depende do comandante mandar trocar as telhas quebradas e acabar com as goteiras.

O comandante é o homem da solução, não é o relator de problemas. É o homem da responsabilidade, e não aquele que transfere a carga para outros ombros: o FOMEX, a Subsistência ou a Comissão de Obras.

Se for esta sua postura de administrador, os meios se multiplicarão, os problemas encolherão e a responsabilidade interromperá sua interminável peregrinação à procura de quem a assumira, dentro e fora do quartel.

Esquemáticamente, podemos distribuir a administração por quatro setores: o das instalações, o dos serviços, o das finanças e o do patrimônio.

Instalações

Podemos grupá-las nas de uso geral e uso específico.

De uso geral são as do comando e estado-maior, das subunidades, de instrução e quejandas. Nelas, a ação de comando se faz presente através das exigências de limpeza, ordem e conservação que desenvolvam e consolidem uma consciência de responsabilidade por parte dos usuários.

Exemplificação sumária:

- todos os banheiros secos, cheirando a limpeza, sem vazamento em torneiras e chuveiros, sem marcas de ferrugem em azulejos e vasos;

- alojamentos com a roupa-de-cama sempre bem apresentada (as fronhas sujas indicam os usuários que não tomam banho: devem lavá-las depois

do expediente, esperando que sequem para só então terem o repouso merecido);

- em cada armário, de uso pessoal ou funcional, só deve existir, e arrumado, o que é útil (é assim que se extirpam as cafuas, os monturos de inutilidades dos subtenentes relaxados, os depósitos de materiais inservíveis descarregados, os esconderijos para furtos e roubos);

- combate a vidraças quebradas, substituindo-as às custas do responsável;

- controle, segurança e manutenção preventiva do armamento (esta, exija-se, feita pelo detentor, e não pelo cabo armeiro), verificados também, em incertas, após o toque de ordem, para constatação do cumprimento de norma que impõe a comunicação de sua regularidade, no final do expediente.

Algumas sugestões sobre o que exigir, nas instalações de uso específico:

- as cozinhas só convencem sobre a qualidade e higiene da alimentação quando não se encontra nelas: gordura acumulada nas superfícies, moscas, restos de comida, águas empoçadas e tudo mais que o bom-senso condena;

- os paióis têm um oficial responsável, que deve saber tudo sobre eles: controle de umidade e temperatura, estoques e idades das munições, guarda e segurança diurna e noturna;

- oficinas e garagens freqüentadas, exclusivamente, pelos que nelas trabalham, com eficiente controle sobre feramental, suprimentos e equipamentos recolhidos para reparação.

Serviços

Os de escala são executores de numerosas atividades de guarda e conservação. É importante que o comandante verifique, sem regularidade, seu funcionamento, em particular fora do expediente. Que dizer daquele que nunca inspecionou sua OM entre o toque de silêncio e a alvorada? Poderá confiar que não existam irregularidades costumadamente praticadas, capazes de gerar ocorrências graves?

O serviço de abastecimento é foco potencial para a falta de exatidão e, até, para procedimentos dolosos. O controle dos estoques deve ser verificado com oportunidade, para evitar surpresas como a de, em inspeção de serviço da Subsistência Regional, o comandante não saber como é feito. A entrega de gêneros perecíveis é outra atividade que fornecedores e pessoal que os recebe precisam saber que o comandante controla. E não deixem de, vez por outra, aparecer no rancho e provar a comida das panelas...

O almoxarifado lhes mostrará como funciona o suprimento de uso comum: estoques de fardamento, às vezes inadequados à distribuição, que podem ser recolhidos a depósito ou trocados; de material de limpeza e de expediente, insuficientes ou em excesso; armamentos e outros equipamentos, aguardando recolhimento ao órgão de apoio, para manutenção, injustificadamente; sucata e material inservível, descarregado, que pode ser alienado para fazer dinheiro e desocupar espaço.

O Serviço de Saúde é uma atividade complexa em OM isolada, pela respon-

sabilidade de atender também à família militar. Mas, em qualquer delas, é um ponto que merece o desvelo do comandante, pelo que representa de garantia, quando funciona bem, e de riscos, quando funciona mal.

Finanças

Nesse campo, os especialistas darão sua contribuição abalizada e mais atualizada do que a nossa. Mas há conselhos genéricos que podem melhorar a aplicação dos recursos disponíveis:

- diz-se que comprar bem é uma arte. Que seja. Para nós, em administração de OM, é responsabilidade intransferível do comandante, mesmo que exercida com ajuda dos auxiliares — fiscal administrativo, tesoureiro, provisionador e almoxarife. É uma questão de determinação, bom-senso, respeito pelo dinheiro público e engajamento pessoal em sua criteriosa aplicação;

- é importante conhecer os fornecedores: o contato pessoal é prova de consideração, estimula a adesão e abre oportunidades para negociações que podem redundar em redução de custos;

- antes de comprar, acionem os órgãos de apoio, com paciência e persistência: sempre se consegue economizar;

- é útil anotar alguns empenhos para, posteriormente, pedir a apresentação da mercadoria entregue.

Patrimônio

Sob este título, entenda-se tudo o que representa valor material, exigí-

vel de constar do acervo permanente da OM, de entrar em carga ou, quando de consumo, de registro temporário: edificações, rede elétrica, munição, picaretas, vassouras, combustível, peças de viaturas e a grama dos jardins constituem patrimônio, porque custaram o dinheiro da nação, empregado para propiciar condições de cumprimento de nossa destinação constitucional. São bens públicos, confiados à nossa guarda, sob a responsabilidade primeira do comandante.

Manter atualizado o controle do patrimônio é tarefa ingente, que só pode ser bem executada se os responsáveis pela escrituração estiverem motivados para o cumprimento do dever de cidadão e de militar.

Muito mais difícil é inculcar, em todos os comandados, a consciência para a preservação do patrimônio em cada nível de responsabilidade: nenhum tiro disparado, na formação do atirador, se não trouxer benefício compatível com o custo para a união; nenhum litro de combustível consumido sem uma prévia verificação da necessidade do serviço que a viatura vai prestar; nenhum coturno novo atravessando charcos, numa simples instrução básica de progressão, quando existem os usados, na reserva do subtenente, guardados exatamente para isso.

Aí está o grande desafio, o maior de todos os desafios que esperam o comandante; administrar; multiplicar recursos; tirar dos meios o maior rendimento e prolongar-lhes a vida útil; despertar consciências; modificar comportamentos, em síntese, educar e comprometer todos os comandados

com a guarda, o bom uso e a preservação do patrimônio nacional.

CONCLUSÃO

Chegamos ao fim da matéria, do tempo e, possivelmente, da disposição de atenção dos ouvintes.

O estágio prossegue com a participação dos diferentes órgãos da alta administração do exército, que aposta nos novos Cmt/Ch/Dir para renová-lo em sua atividade-fim, dando cada vez maior expressão à instituição ligada, indissolúvelmente, pela história, no presente e no porvir, aos destinos da nação.

No exercício do comando, o objetivo profundo a ser conquistado deu o Osório, em magistral síntese, de todos conhecida:

É fácil a missão de comandar homens livres.

Basta apontar-lhes o caminho do dever.

O caminho é a educação; a responsabilidade; o exercício da vontade; a camaradagem; o respeito pelo bem público e pelo semelhante — superior, igual ou subordinado; a autoconfiança, que encoraja a coragem; a lealdade e a honra.

Em resumo, a realização profissional e íntima, o somatório de méritos e insucessos, a avaliação do comando medir-se-ão, inexoravelmente, por sua mais preciosa resultante: o valor moral da tropa.

Um comandante quer, sabe e faz.

Um bom comandante faz querer, faz saber e faz fazer.



ARMANDO LUIZ MALAN DE PAIVA CHAVES é *General-de-Exército, Chefe do Departamento de Material Bélico do Exército. Principais tópicos do seu "Curriculum Vitae": Aspirante-a-Oficial em 31.12.48, última promoção em 31.07.90. Condecorações Nacionais recebidas: Ordem do Mérito Militar (Grã Cruz); Ordem do Mérito Naval (Comendador); Ordem do Mérito Aeronáutico (Comendador); Ordem do Mérito Judiciário Militar (Alta Distinção); Medalha Militar (Ouro com passador de Platina); Ordem do*

Mérito Judiciário do Trabalho (Comendador). Condecorações Estrangeiras recebidas: Ordem del Libertador San Martin (Argentina, Comendador); Ordem de Bernardo O'Higgins (Chile, Comendador); Ordem Militar de Avis (Portugal, Comendador). Principais funções como oficial superior e oficial general: Instrutor da ECEME; Membro da MMBIP; Assistente-Secretário do Ministro do Exército; Comandante do 1º RCG, "Dragões da Independência"; Chefe do EM do CMP e 11º RM; Assessor do Ministro Chefe do SNI; Chefe da Assessoria Especial do Presidente da República; Comandante da 5ª Bda Cav Bld, da 6ª Bda Inf Bld e da 1ª RM. Diretor de Motomecanização